

# A BATALHA

Director: JOSÉ S. SANTOS ARRANHA  
Editor: CARLOS MARIA COELHO  
Propriedade da CONFEDERAÇÃO GERAL DO TRABALHO  
Aderente à Associação Internacional dos Trabalhadores  
Assinaturas: Incluindo o suplemento semanal, Lisboa, mês 9550; Província, 3 meses 28550; África Portuguesa, 6 70800; Estrangeira, 6 meses 110800.

## A crise de trabalho e a política financeira

Há mais de um ano que o operariado se debate afilivamente numa crise de trabalho de funestas consequências. A causa primordial da crise filia-se nas manobras financeiras dos governos que, julgando que a felicidade e a prosperidade de um país está no aspecto sólido do seu câmbio, valorizaram o escudo até ao ponto de tornar impossíveis as exportações. Ora, um povo não vive melhor, nem é mais civilizado por que tenha uma moeda forte. O México tem uma moeda bem cotada, das melhores cotadas em todo o mundo, e não se compara à Alemanha, por exemplo, de indústria florescente, de instrução pública organizada, de mentalidade superior e moeda fraca. O que pode tornar um povo mais ou menos próspero é a sua capacidade de trabalho e a sua criteriosa administração.

Durante muito tempo depois da guerra, o que fomentou alguns simulacros de progresso industrial no nosso país foi a desvalorização da moeda. Ela colocou a indústria portuguesa em estado de poder concorrer com vantagens, nos mercados estrangeiros, com os industriais rivais lá de fora. Só a modicidade dos preços poderia justificar, por exemplo, a exportação para Inglaterra — o país dos lanifícios — de lanifícios portugueses.

Portanto, se a desvalorização do escudo, que é um mal, trouxe a abundância do trabalho, que é um bem, tudo aconselhava, não que se permitisse maior desvalorização que favoreceria as tôrpes manobras de banqueiros, mas a sua estabilização numa divisa alta e certa. A valorização precipitada do escudo foi um erro — um erro que nos pode conduzir a uma derrocada sem remédio. Ela acabou com algumas especulações de bolsa que enriqueceram certos banqueiros. Mas asfixiou a indústria, paralisou o trabalho. E um país que não trabalha é um país que morre. Conseguir-se-ia deter a especulação de Bolsa com a fixação do câmbio numa divisa alta mas certa, evitando-se assim esmagar o operariado atingindo os banqueiros. E, a final, bem feitas as contas, os Bancos (que muito têm

sofrido as duras consequências da actual política financeira) têm estoiado, mas os banqueiros retiram-se, após a falência, com as algebeiras cheias. O operariado, esse não tem possibilidades de defesa. Sem trabalho, rebenta com fome, enquanto os financeiros procuram especular e enriquecer mais com essa fome.

Perante o actual estado de coisas os governos cruzam tranqüilamente os braços. Não há trabalho? Pouco lhes importa. Morre gente de fome? Ora, ora...

Só quando a voz da fome se fizer ouvir mais alto do que de costume os governos acordarão.

## EM ROMA

### Contra Mussolini foi disparado um tiro de revólver...

ROMA, 7.—Na Praça do Capitólio, à saída do Congresso Internacional de Círculo, quando o sr. Mussolini atravessava a multidão, aclamado vibradamente, para alcançar o seu automóvel, uma velha desconhecida disparou, quasi à queima-roupa, um tiro de revólver sobre o sr. Mussolini, que ficou ligeiramente ferido no nariz. O sr. Mussolini manteve a maior calma e o maior sangue frio, dando imediatamente instruções a fim de que não houvesse qualquer repercussão na ordem pública. A mulher foi com grande dificuldade protegida contra a fúria da multidão, sendo conduzida para a prisão das mulheres. — (H.)

... sem importância de maior...

ROMA, 7.—O ferimento recebido pelo sr. Mussolini não apresenta qualquer gravidade, tendo o presidente do conselho presidido já esta tarde à cerimónia da apresentação dos secretários provinciais ao novo directório fascista. — (H.)

... por uma mulher de 50 anos

ROMA, 7.—A autora do atentado contra o sr. Mussolini chama-se Violet Albina Gibson, tem 50 anos de idade, é súbdita inglesa e natural de Raikley. — (H.)

Quem é a mulher que disparou o tiro

ROMA, 7.—A mulher que atentou contra Mussolini é a terceira filha de Lord Ashbourne, ex-chanceler da Irlanda. Foi sempre um temperamento excêntrico. Respondeu de maneira ininteligível ao interrogatório a que foi submetida, pronunciando algumas palavras em inglês. — (H.)

Pobre Grécia...

ATENAS, 7.—O jornal oficial publicou um decreto modificando a actual Constituição, pelo qual é concedido ao presidente da república o direito de dissolver as câmaras e proibir aos deputados a apresentação de moções de desconfiança. — (L.)

## BANCO DE PORTUGAL

## Enquanto o país agonisa de fome, os Ulrichs estoiram de abundância

Do norte a sul do país há uma multidão faminta. A crise de trabalho, consequência da crise financeira, arremessou-a para a miséria. E enquanto a fome ronda à porta dos trabalhadores, como fera sangüinária espreitando o ensejo para penetrar nos lares e aniquilar mulheres e crianças, os homens da alta banca, indiferentes a estes quadros comovedores, bem jantados e bem arreados como cavalos de luxo, continuam tratando serenamente dos seus negócios, entre fumaças de charuto.

E' no Banco de Portugal que maior número de criminosos se acóia, alguns deles autênticos intrujões que tiveram o descaramento de ir fazer queixa ao conselheiro Alves Ferreira, tão bom como eles, do nosso arrojado em chamar-lhes burlões.

Não são apenas odiosos os governadores do Banco de Portugal, Inocêncio Camacho e Mota Gomes. Alguns directores daquele estabelecimento de crédito têm uma moral tão real, tão baixa que envergonharia as próprias pedras das calçadas.

Escolhamos ao acaso: Rui Ulrich, por exemplo, director crónico do Banco de Portugal. Vive como um verdadeiro nababo, vive como um milionário americano neste país depauperado onde todas as iniciativas úteis se estiolam por falta de assistência financeira que as vitalize, que lhes dê possibilidade de desenvolvimento e de progresso. Ganhava esse Rui Ulrich por ano, sabeis quanto, operários, que não tendes dinheiro e andais por aí, a cair de fome, mendigando o trabalho que estes figurões paralisam com as suas manobras financeiras? Sabeis quanto ganha por ano o sr. Rui Ulrich, director do Banco de Portugal? Mais de quinhentos contos!

Mas a obra funesta destes financeiros não se cifra apenas no muito que ganham. Isso, sendo demasiado, nada seria. A obra funesta está na corrupção, no abandono total que eles, para manter essas situações privilegiadas, estabelecem na sociedade portuguesa, subornando políticos, envenenando a imprensa, manejando os governos a favor deles, que são os mais poderosos, contra o país inteiro, constituído na maioria por gente humilde e trabalhadora. Sim, o pior é a sua obra formidável de corrupção que levou este país ao estado de rebaixamento moral, de cobardia mental em que se encontra.

Uma dúzia de Ulrichs, podeis crer, leitores, é o principal mal deste país. Eles, os altos magnates financeiros, são o cancro que gera uma corte de pequenos rafeiros sem consciência que, vivendo dos ossos miseráveis que a alta banca lhes atira de quando em vez, estabelecem o caos na política, a mentira na imprensa, e, por vezes, a desordem revolucionária nas ruas com fins suspeitos e ocultos para liquidação de adversários perigosos.

E' de gente como esta, trabalhadores, que provém a ignorância em que mergulhais, porque a ignorância serve-lhes à maravilha para digerirem afloitamente o produto dos seus negócios torpes! E' de gente como esta, operários, que provém a vossa escravidão, absolutamente necessária à sua liberdade de negociar impunemente o país inteiro! E' de gente como esta, intelectuais honestos, que viveis miseravelmente do vosso esforço honrado, que provém a angústia de viver que vos cerca e o vosso isolamento dum povo que não sabe ler, que não aprecia as maravilhas da arte e da ciência, porque não lhes convém!

Este caso das notas de quinhentos escudos, tipo «Vasco da Gama», trazia-o a todos envolvidos porque eles, para aumentarem as suas fortunas já fabulosas, não hesitam nos processos: vão dos legais até aos ilegais, vão do roubo sancionado pela lei, ao furto puro e simples que nenhuma lei protege.

E' tão tanto de burlões, principalmente os homens do Banco de Portugal, como de cobardes. Porque não existe neles a nobreza, que certos saltadores de estrada possuem, de confessarem os seus crimes. Porque não têm essa qualidade superior e humana — a solidariedade — que os próprios irracionais possuem, de se colocarem ao lado dos seus cúmplices, sofrendo o que eles sofrem.

Só conhecem os cúmplices para o triunfo. Na derrota — esmagam-nos. Na derrota — caluniam-nos. Na derrota — esfaqueiam-nos pelas costas.

Estes Inocêncios, sócios de Bancos falidos, estes Mota Gomes que se fazem passar por honrados, estes Ulrichs que levam vida de nababos, calcando com o pé do seu ouro a carne nua e miserável de um povo inteiro — são a vergonha da espécie humana. Além de ladrões — são traidores!

E' tão miseráveis nestes homens, tão pobres de moral, que sentimos vontade de cuspir-lhes na face a afronta de uma esmola. Tão miseráveis que fingiram ofender-se quando tivemos a ousadia de, nesta sociedade de chacais, gritarmos a sua desonestidade!

O que eles queriam, os tratantes, era praticar os crimes e ainda meterem na cadeia quem os acusa. Até aí não chegaram!

## A burla das "séries recuperáveis"

Demonstra-se com a eloquência indestrutível dos números que a população está ameaçada duma tremenda "escroqueria"

Poz ontem *A Batalha* a nú mais uma das pustulentas chagas que vêm correndo Lisboa, mais uma das muitas pragas que caíram sobre a sua população, ou melhor, sobre a população do país.

Essa pústula endêmica que recruta as suas vítimas entre os desprotegidos, os ingênuos e os incautos, chama-se burla das séries recuperáveis ou progressivas.

A evolução da burla

Até há pouco ainda, a invenção das senhas aplicava-se apenas à aquisição de qualquer objecto de maior ou menor utilidade.

Se não era justificado e legítimo o seu uso, podia pretender-se desculpar a sua existência.

Alegava-se então que o sistema de senhas constituía um processo aceitável (por o seu mecanismo ser simples e portanto de fácil compreensão) de o comerciante vender os seus artigos.

Nunca aceitámos como boa tal doutrina. Mas, sobretudo, porque tal prática não causava estragos de maior e não constituía ludibrio de grande monta, também não originava grandes protestos.

Porém o processo inicial e simples a breve trecho se complicou e evoluiu para tal ponto que descambou por fim na mais desenfreada jogatina, na mais refinada escroqueria.

Os prémios deixaram de ser constituídos por objectos utilitários passando a ser prémios em dinheiro que não é menos útil e é mais atraente.

O processo de aquisição desses prémios, que é o sistema de séries recuperáveis ou progressivas, teve ultimamente o seu mais perfeito retoque — a dispensa da passagem de senhas.

E' na data deste aperfeiçoamento que começou o período áureo do processo, o período do seu verdadeiro triunfo.

Ter um prémio garantido sem sequer ter o trabalho de passar uma senha?!

Eis o delírio, eis o ideal, exclamam os ingênuos.

O sistema de séries recuperáveis ou progressivas é, só por si, um sistema de autêntica burla.

O que não será o sistema, se a sua execução for parar as mãos de um «escroco»?

A fim de procurarmos evitar que muitos incautos continuem a ser roubados, vejamos em que consiste o sistema progressivo ou de séries recuperáveis sem passagem de senhas.

Procuramos dar a esta exposição uma forma simples e de fácil compreensão.

O processo progressivo, ou qualquer das suas múltiplas variantes, consiste essencialmente no seguinte:

1.º O homem das séries deve pagar um prémio cada vez que vende um determinado número de títulos.

2.º A venda dos títulos deve ser feita por ordem, isto é, nunca, deve ser vendido um título sem que já tenham sido vendidos todos os dos números anteriores!

3.º Os prémios devem ser conferidos pela mesma ordem, isto é, os títulos premiados serão os mais antigos.

Exemplifiquemos:

Vamos considerar o caso dos títulos de 5000 com direito ao prémio de 10.000\$00, de que tantos milhares se encontram em Lisboa. Entendido este caso ficam entendidos todos os outros.

E' manifesto que o número mínimo de títulos que é preciso vender para se pagar um prémio de 10.000\$00 é de 2.000, visto que 2.000 títulos a 5000 perfazem 10.000\$00.

E' claro que este número, na prática, eleva-se a 3.000 ou 4.000 produzindo então a venda destes títulos 15 ou 20.000\$00 dos quais o vendedor de títulos paga 10.000\$00 de prémio e fica com o resto.

Consideremos, porém, só o número 2.000, que para a nossa explicação é quanto basta.

Quando tiverem sido vendidos todos os títulos até ao n.º 2.000, o título n.º 1 é premiado com 10.000\$00.

O título n.º 2 só poderá ser premiado quando tiverem sido vendidos todos os títulos até a 4.000.

O n.º 3 quando tiverem sido vendidos todos os títulos até ao n.º 6.000, etc.

Isto é, por cada 2.000 títulos vendidos a mais passam a ser premiados os n.ºs 4, 5, 6, etc.

Deve aqui observar-se que, na prática, o n.º de ordem de cada título é ocultado ao maior cuidado pelo vendedor das séries, procurando mascarar esse número de ordem de todas as formas imagináveis. A mais corrente maneira é com letras, séries e números.

Por exemplo: título n.º 1500 — 7.ª série da letra B.

Para saber o número de ordem deste título seria preciso saber quantos números abrange cada uma das 6 primeiras séries de B, o que em geral não acontece.

Veremos em breve o motivo desta sonegação.

## A burla do sistema das séries progressivas e da infinidade das suas variantes que por aí se ostentam

Essencialmente, todos os sistemas que por aí campeiam se podem reduzir a este.

As variantes que apresentam, sendo de ordem accidental, são todas elas ainda para pior.

Vejamos, pois, a sua beleza:

As pessoas que compraram os 2.000 primeiros títulos, isto é, que compraram títulos antes de ser premiado o n.º 1, já essas na sua grandíssima maioria deitaram o dinheiro fora.

Efectivamente, para que todas essas pessoas não ficassem sem o seu dinheiro, seria preciso que fossem vendidos pelo menos 4 milhões de títulos, número que não vai longe da população do país.

Por isso, se estas coisas fossem ditas com clareza, haveria alguma pessoa das que as entendesse que quisesse o título n.º 2.000, ou 1.000 ou 100 ou mesmo o n.º 20 que para ser premiado já seria preciso que se vendessem acima de 40.000 bilhetes?

Evidentemente que não.

Mas há pessoas que, ou por não lhes terem dito estas coisas ou por não as entenderem, compram títulos que não têm o número de ordem de 20 ou de 100, têm números de ordem de alguns milhares.

Podem servir-lhes para alguma coisa esses títulos?

Acabamos de ver claramente que não.

Então não é um roubo vender-lhos?

Há o direito de os burlar tão miseravelmente, só porque são ignorantes ou incautos?

A conclusão a que se chega no caso presente, isto é, com os títulos de 5000 com direito ao prémio de 10 contos, chega-se com títulos de qualquer outro valor e prémio, e compreendemos agora o cuidado com que os burlões procuram encobrir o número de ordem dos títulos.

E' preciso que o número de ordem não seja conhecido. Se sempre estivesse patente havíamos de ter ocasião de ver não poucas vezes que todos os habitantes da Europa a comprar títulos não eram em número bastante para ao nosso título ser conferido o seu prémio.

Notemos ainda que estamos considerando o que o mirabolante sistema se aplica com *tisura*, digamos assim.

Como vemos, mesmo neste caso, ele não pode dar senão roubo, vigário.

Mas quanta falcutra mais não se pode fazer ainda, sem alterar o sistema?

Limitemo-nos a apontar aqui uma das falcutras mais correntes.

Consiste ela em o vendedor de títulos reservar para si e para os amigos os primeiros números.

No caso por nós tratado dos títulos de 5000 com direito ao prémio de 10 contos, se o vigarista reservasse os 1.º 20 números é manifesto que todo o dinheiro entrado caíria num poço fundo e bem fundo.

Notas & Comentários

9 de Abril

Comemora-se amanhã a data de 9 de Abril. E' uma data patriótica. E' uma data triste. Para nós significa apenas uma data que simboliza um crime, um grande crime da burguesia capitalista que fomentou a guerra e sacrificou os povos. Não nos iludimos como os patriotas que, cheios de entusiasmo, julgam ver nessa data uma glória imorredoura. Vimos apenas a realidade: ainda há povos que se deixam massacrar em benefício de «clãs» capitalistas, ferozes e brutais.

Não se percebe

José de Almeida, antigo militante dos Catraieiros, que pouco a pouco se foi transformando em ditador da classe, alçou anteontem um taxímetro e foi dar um passeio a Mafra, o que é bastante agradável a pesar do mau estado das estradas. José de Almeida é ateu e revolucionário, conforme afirma a quem o quer ouvir. Ficam-lhe bem esses sentimentos. Entretanto, um relatório de Almeida, comprado numa feira próximo de Mafra uma santa por quinze escudos, e, como camarada, deu apenas cinco escudos ao «chauffeur» que o aturou durante todo o dia...

Sem nariz

Na praça do Capitólio, em Roma, à saída do Congresso Internacional de Círculo, Mussolini foi atingido no nariz por um tiro disparado por uma velha. O atentado não tem a menor importância. Um ferimento no nariz não enobrece nem rebaixa ninguém — ridiculariza. Um Mussolini sem nariz não é um Mussolini incompleto. Fica-lhe a mesma ferocidade sinistra que não reside no nariz, mas no coração. Entretanto, o gesto daquela pobre velha, talvez mãe de alguma vítima do fascismo, é sintomático. Muitos dedos descarregaram, decerto, a arma que a velha empunhou.

## A PROVINCIA DE ANGOLÁ

## A primeira greve geral sob a tirania de Norton de Matos

Norton de Matos sabia que em Angola tinha delagado, em Outubro de 1920, uma greve que deu margem a largos comentários, não só por ser a primeira e se ter declarado francamente entre todas as classes de servidores do Estado, mas também pela forma enérgica e disciplinada com que soube exigir a satisfação das formuladas e fundamentadas reclamações.

Votada em princípio, o comité central, composto de uma considerável parte daquelas que foram a alma do movimento, esteve em sessão permanente até à declaração da greve, contra quem a população de Luanda, principalmente o comércio geral e bancário, tícidamente se revoltou, mas não pôde justificar o seu susto tido na rua ou entre portas.

O formidável movimento tornou-se simpático pela disciplina que soube manter desde o princípio ao fim, do que bem se pode orgulhar o funcionalismo e todos os operários que tomaram parte nessa manifestação de força e consciência colectiva, lutando com energia pelos seus interesses. Não houve zaragata, não detonou um único tiro, não se notou uma alteração, não se manifestou a mais insignificante discórdia, desde o início ao fim de todas as demarques, desde a reclamação ao triunfo!

Declarada definitivamente, os próprios elementos do comité central se constituíram em comissão de vigilância, correndo a cidade a fim de se certificarem da observância, em todas as repartições, pela aprovação unânime na assembleia, quanto ao encerramento de todas as repartições, esta belecimentos do Estado e o completo abandono do trabalho.

Apenas o edifício dos Correios tinha ainda abertas algumas portas, prontamente e de bom grado encerradas a convite dos vigilantes.

Dois dias antes da declaração, correu o boato de que a greve ia rebentar. No dia seguinte, as autoridades, provavelmente incluídas no número dos boateiros, tomavam as suas providências, dando os bons dias ao pessoal dos Caminhos de Ferro com a força armada.

Era desta classe que mais se temiam, e para forçar os ferroviários a tomar o trabalho e sufocá-los nas suas manifestações de revolta, para lá mandaram imediatamente os degraçados automatos, armados de pólvora e aço para os provocar a desordem em nome do Estado.

Mas, alta e bela foi a atitude dos operários, ante a tão descabida e injustificada provocação da autoridade: à hora regular compareceram para tomar o trabalho, mas ao verem a força da armada todos voltaram as costas, antecipando-se na declaração da greve!

O elemento militar fez-se representar largamente, principalmente pela classe dos sargentos, cujos vencimentos então percebidos mal lhes davam para uma alimentação deficitária.

Entre esta classe destacou-se, esforçando-se com dedicação e amor pelo trinco da causa comum, o 2.º sargento Varela, rapaz inteligente, coração aberto a todos os nobres sentimentos, impondo-se pelo seu porte altivo, e pela forma enérgica e decidida como ocupava lugar, como gládio, no campo de batalha por tudo quanto fosse tido por justo pelo seu espírito cheio de ponderação, pela consciência sã e justa do militar só na farda, ele tinha a simpatia, estima e admiração de todos aqueles que privaram com a alma nobre e bela que meses depois desaparecia do mundo, deixando infanda saudade.

E por ser assim, por ser tão bom, mesmo além da vida era odiado e perseguido: seu corpo jazia inerte no leito e ainda lhe procuravam a vida.

Correia de SOUSA

## O REGIME DOS TABACOS

## Numa importante assembleia o pessoal aprovou uma representação que vai ser dirigida ao Parlamento contendo as reclamações da classe

O amplo salão da Sociedade «A Voz do Operário», às 18 horas, estava quasi repleto de operários e empregados da Companhia dos Tabacos. Diz-se que são 1.600 pessoas que esperam a comissão do pessoal que há de dar conta das suas demarques, realizadas no sentido de o regime de fabrico de tabacos que vai succeder-se ao monopólio privado garantir ao pessoal das fábricas uma existência menos penosa do que aquela que há 35 anos atravessa.

Os minutos vão passando e a impaciência daquela mole começa a manifestar-se. Entrementes, a nossa camarada Virgínia da Conceição informa a assembleia que a comissão do pessoal não podia ainda comparecer em virtude de estar reunida com o comissário do governo, junto da Companhia dos Tabacos. Logo que terminasse a conferência a comissão viria junto do pessoal dar-lhe conta da sua missão.

Depois desta explicação a assembleia tranqüilizou-se e às 19,30 horas, quando voltava a manifestar-se então os assistentes, surgiu a comissão do pessoal. Foi como que uma clareira de luz que iluminou os espíritos daqueles 1.600 trabalhadores.

Constituída a mesa, que ficou composta pelos camaradas Cesar de Campos, da «Região» do Porto; Virgínia da Conceição, da «Região» de Lisboa; Adalina de Jesus, do pessoal extraordinário de Lisboa, respectivamente, presidente e secretários, iniciaram-se os trabalhos.

O presidente explicou então que na conferência havia com o comissário do governo se estudaram as reclamações a apresentar ao Parlamento, em virtude de o parecer das comissões parlamentares que se referem aos tabacos ter lamentavelmente omitido algumas das principais reclamações que foram aprovadas numa assembleia da

classe e que consubstanciaram os desejos de mais de 7000 pessoas. Para que a classe possa viver é mister fazer sentir ao Parlamento os seus desejos, que estão expressos num documento que a comissão elaborou.

Em seguida usou da palavra o camarada Fortunato Coelho Torres, que leu à assembleia a cópia de uma representação a entregar ao Parlamento, na qual se advogam as reclamações que o pessoal operário e os empregados das fábricas de tabacos desejam ver atendidas.

Falou depois o decano dos manipuladores de tabaco, Joaquim José da Rocha. No seu curto, mas incisivo discurso o orador combateu com ardor a falta de atenção que por parte dos poderes constituídos e agora pelas comissões parlamentares tem merecido a situação do pessoal das fábricas, onde há homens com mais de 60 anos de exercício profissional na contingência de esmolar a caridade pública.

Depois com energia:

— A situação de miséria em que tem vindo o pessoal deve terminar. Pelo parecer das comissões parlamentares o futuro é muito sombrio. A miséria subsistirá com todo o seu cortejo de dor e de sofrimento.

— Para que tal não aconteça o pessoal deve reagir, o pessoal tem que enveredar pelo caminho que as circunstâncias o obrigarem.

Joaquim José da Rocha ocupa-se, depois, da situação do pessoal que está ao abrigo da reforma, em face do parecer das comissões parlamentares, comentando o referido parecer com estas sugestivas frases:

— Já o dissemos mais duma vez: o pessoal quer que acabe a situação de «Região» extraordinária. Pessoal único é que se deseja. Isto é: todo o pessoal deve ter iguais regalias.

— Depois persistindo a miséria verba de



cinco escudos para os reformados, como poderão estes viver com tão irrisória quantia?

A terminar:  
—E' com essa vergonhosa importância que se recompensa o esforço de 60 anos!  
Francisco Antunes, que se segue no uso da palavra, refere-se largamente à situação que ao pessoal é criada se o Parlamento aprovar como está redigido o parecer 138 das comissões parlamentares.

Não empolgante discurso, o orador aconselha a classe a manter-se unida, porque só com essa união conseguirá vencer nesta luta em que os seus interesses estão em jogo.

Prosseguindo, Antunes aprecia a parte do parecer em discussão que se refere às caixas de reformas, considerando de flagrante injustiça o facto do pessoal continuar ao abrigo daquella diploma, dividido por categorias: «Regie» e extraordinário.

E com grande calor:  
—Para que não vinha a absurda ideia da desigualdade entre o pessoal, para que todas as nossas reclamações sejam atendidas, para, numa palavra, o nosso futuro ficar assegurado, o pessoal das fábricas tem que reagir, mas reagir com energia e com grande vontade de vencer.

Francisco Rodrigues da Silva, do Porto, iniciou o seu discurso corroborando as afirmações dos oradores que o antecederam.

O orador durante largo tempo com copiosa argumentação ataca o parecer que o Parlamento vai discutir, contando a propósito alguns episódios ocorridos nas fábricas de tabacos e pelos quais a assembleia ficou conhecendo o regime de miséria em que a classe viveu durante muitos anos.

—Ao terminar o orador, numa quente exortação aconselha a classe a manter a máxima união para conseguir os seus desejos, que são legítimos e que não devem ser preteridos.

Seguiu-se no uso da palavra o velho elemento da classe João Rodrigues Cassão que se congratula com a larga representação da classe nesta assembleia. Este facto, diz o orador, anima as comissões a proseguirem nos seus trabalhos com o mesmo ardor com que os iniciaram. Depois, num rápido discurso, Cassão passa em revista a situação de miséria em que tem vivido o pessoal durante muitos anos.

Com veemência:  
—A situação do pessoal tem sido má, é certo. Mas o futuro é muito nebuloso, ninguém sabendo até onde a classe pode ser arrastada. O que é preciso é que todos nós nos convençamos de que sem uma forte união nada se conseguirá, por muito encantadoras que sejam as promessas dos dirigentes do país.

Rodrigues Cassão termina as suas judiciosas considerações aconselhando a classe a lutar até final pela conquista das regalias a que tem incontestável direito.

Em seguida foi aprovado um voto de reconhecimento à imprensa, especializando a Batalha, e aos parlamentares que têm defendido as reclamações do pessoal.

Antes de encerrar a sessão o presidente, num pequeno improviso, refere-se à unidade que deve existir na classe a fim de que ela possa levar de vencida aqueles que pretendem reduzir o pessoal dos tabacos à triste condição de escravos.

## INSTRUÇÃO

### Ensino Liceal

A Comissão Delegada convide todos os pais dos alunos dos Liceus de Lisboa, a comparecerem hoje, pelas 21 horas, na Associação dos Lojistas, na Avenida da Liberdade, 21.

Uma festa escolar na Secção da Construção Civil do Palma

No próximo dia 10, pelas 21,30 horas, realiza-se para auxilio da escola, uma grandiosa velada social em que toma parte o grupo «Os 6».

Do programa consta a representação do drama em 3 actos «O Veterano da Liberdade» e a comédia em 1 acto «Os Círculos». Abilhanará esta velada um distinto grupo de bandolinistas dirigido pelo nosso camarada Fortunato Guinha, muito aplaudido nestes arredores.

Dos bilhetes de convite poucos restam já, devido ao interesse que esta festa está despertando.

## O esforço da raça...

LONDRES, 7.—Foi inaugurado no templo protestante de Jude-on-the-hill, em Hampstead, um monumento à memória dos 375.000 cavalos mortos durante a guerra. Este monumento representa um cavalo de bronze sobre um pedestal, e não foi um eclesiástico quem celebrou os officios religiosos, mas sim uma jovem inglesa.

## Caça às focas

SÃO JOÃO DA TERRA NOVA, 7.—Os pescadores de focas empenham-se em tão activos trabalhos que constituem uma ameaça para o futuro. Chegou há dois dias um vapor carregado com 43.000 peles de focas e teria logo saldo se uma avaria o não tivesse demorado no porto. A frota pesqueira já recolheu 170.000 peles de focas, estando a época da pesca ainda a um mês do seu termo.

## Um cofre que levanta vôo

LEE-ON-SOLENT, 7.—Um pesado cofre forte, contendo documentos secretos de grande importância, desapareceu misteriosamente da Secretaria da Aeronautica, andando agora a policia empenhada em recuperar o cofre e os documentos.

**TEATRO APOLO**  
Emp. Ruas  
Tel. 11-4039

**HOJE**  
E TODAS AS NOITES  
o sacrosanto drama  
**O Mártir do Calvário**  
Esplêndidos cenários  
Artística interpretação

## A civilidade da policia

Da Tarde de ontem, sem comentários porque os dispensa, recortamos a seguinte local:

«Quando hoje chegámos ao antigo edificio do Crédito Predial discutia-se animadamente um caso ali ontem sucedido e que se resume no seguinte:

O carpinteiro António Tinoco, que ali trabalhava por conta da Câmara Municipal, teve uma congestão, caindo desamparadamente no chão. Estavam ali fazendo serviço, sob as ordens do cabo 68, oito guardas civis. Pois o cabo, alegando que a sua missão não era acudir a doentes, proibiu os guardas de acudir ao carpinteiro. Um dos civis, porém, desobedecendo à ordem estúpida do agente da autoridade, levantou o homem, que um bombeiro e dois empregados da C. M. conduziram num carro da Cruz Vermelha ao hospital, onde chegou em tal estado que o assistente do Banco declarou terem bastado mais dois minutos para o desventurado morrer.

Agora, o cabo quer fazer queixa da desobediência do seu subordinado, e era essa atitude que provocava vivos comentários.

Nossa parte, achamos que seria mais lógico informar o comandante da policia da brutalidade e desumanidade do cabo 68».

## Os acontecimentos na China

MOSCOVO, 7.—O marechal chinês Feng, ao passar por Urga, declarou à agência Tass que a China está iniciando uma época transitoria. Os comerciantes e a maioria dos camponeses não puderam compreender ainda o que está ocorrendo e a retirada do exercito nacional foi ditada por exigências estratégicas. O acordo feito entre Tchong e Pei-Fou durará pouco e o movimento de emancipação nacional, dirigido por Kuo-Ming-Dan e ao qual Feng se juntou oficialmente, orienta-se para a prática realização das ideias de Sun-Yat-Sen. O marechal Feng dirige-se para Moscovo, a fim de se empregar numa fábrica como simples operário, entretanto, estudará detalhadamente a situação política e económica dos Soviéticos, regressando depois à China.—(H.)

## Uma potência rebelde

LONDRES, 7.—Dizem de Bagdad que Natcho, chefe da nova rebelião anti-turca no Kurdistan, dirigiu ao governo de Irak uma comunicação, na qual pede que lhe seja dado asilo e a mais 250 seus partidários. Ignora-se, contudo, onde se encontra o chefe rebelde, supondo-se que não haja franqueado a fronteira para se refugiar no Irak.—(H.)

## Queixas e reclamações

Lucros ilícitos

Veiu a esta redacção queixar-se o sr. Alvaro Marques de que tendo sido encarregado pelo dono do Armazem de Viveres (frutas verdes) Martins & Costa, rua do Carmo, 39 e 41, de mandar vir de Portimão ameijoas de primeira qualidade escolhida e fresca, incumbiu, por sua vez, naquela localidade o sr. Domingos Sebastião. Efectivamente chegaram 22 quilos no dia 6 de Março p. p. A referida casa vendeu a ameijoas quasi toda a 8000, cada quilo, e o resto foi para um restaurante que a mesma casa possui na rua de São Julião, sendo vendida aos clientes.

A referida casa negou-se a enviar para o Algarve a importância do pagamento, 3900 por cada quilo e mais 18000 de transporte. E negou-se embora tivesse ganho mais de 200 000 na revenda das ameijoas. Só ontem satisfizesse esse pagamento aqui em Lisboa, a uma pessoa que lho exigiu em nome do fornecedor do Algarve.

Esta casa que, segundo nos informam, fez vendas no valor de 1.200 contos, ainda tem, a pesar dos lucros fabulosos, destas atitudes mesquinhas.

## MUTUALISMO E COOPERATIVISMO

Fragateiros do Porto de Lisboa.

Reúne hoje, pelas 20 horas, a assembleia geral, com a seguinte ordem de trabalhos: Apreciação do relatório de contas e eleição dos corpos gerentes.

Fraternal dos Barbeiros, Amaladores e Cabelleiros.—Reúne hoje, às 21 horas, a assembleia geral.

Marceneiros e artes correlativas.—Reúne hoje a assembleia geral, pelas 20 horas, com a seguinte ordem de trabalhos: Discussão e votação do relatório e contas da direcção e parecer do conselho fiscal (n.º 7 do artigo 35.º dos estatutos). Eleição dos corpos gerentes, para 1926.

## CONFERÊNCIAS

«Metalurgia do ferro»

Realiza amanhã, na sede da Secção Metalúrgica de Belém, rua Paulo da Gama, 6, 1.º, o professor sr. Charles Lepierre, uma conferência sob o tema «Metalurgia do Ferro». A comissão administrativa da secção, reconhecendo a necessidade que os operários desta industria têm de se instruir profissionalmente e os ensinamentos que decerto brotarão desta conferência, convida a assistir o maior numero.

## Um novo invento

BERLIM, 7.—O navio «Baden» accionado pelo cilindro rotativo Fletcher largou hoje do porto de Kiel.

Tanto a marinha de guerra como a mercante deliberaram adoptar aquele sistema, estando a construir-se vários navios.

O inventor manifesta o maior optimismo acerca do futuro do seu invento.—(L.)

## Teatro da Trindade

A sensibilisadora peça de KISTEMAEKERS

**A EXILADA**

Protagonista: LUCILIA SIMÕES

Ruidoso êxito

Artístico conjunto

Brilhante encenação

HOJE

Telef. T. 976

Teatro do Ginásio

HOJE

A's 8 e 3 quartos

ESPECTACULO PROMOVIDO PELA

Colónia Inglesa

COM A PEÇA DE BARRIA

**QUALITY SRTEET**

AMANHÃ

O glorioso êxito

**O AZ**

Encenação de Gil Ferrelira

Cenários de José Mergulhão

**Instituto Policlínico da Estefânia**  
Largo de D. Estefânia, 6, 1.º—Telef. N. 3435  
CONSULTAS PARA AS CLASSES POBRES

Cirurgia—Doutores:  
A. de Almeida Rocha—Doença geral—às 14 horas.  
António de Carvalho—Sifilis—às 11 h.  
Berta de Moraes—Doenças das senhoras—às 13 h.  
Carlos Guerra—Clínica médica, doenças de coração e pulmões—às 18 h.  
Domingos Dias—Doenças da boca e dentes. Proteses—às 10 h.  
Fernando Waddington—Raios X.

Heitor da Fonseca—Clínica médica, doenças do estomago, intestinos e fígado—às 12 h.  
J. Pais Laranjeira—Doenças dos rins e vias urinárias—às 11 h.  
José Salazar Carreira—Doenças das crianças, ortopedia, ginecologia e massagem médica—às 10 h.  
Pedro Roberto Chaves—Análises clínicas.  
Teodoro Almeida de Carvalho—Cirurgia, operações—às 16 h.

**Teatro Nacional**  
Não há espectáculo  
para se proceder  
ao ensaio geral  
da peça de  
CHARLES MERÉ  
PROTAGONISTA:  
Ester Leão  
Encenação do professor António Pinheiro

**A DANÇA DA MEIA NOITE**

## TEATROS, MÚSICA E CINEMAS

O público e a Trindade

Seduzido pela modicidade dos preços, pelas elogiosas referências da critica, pelo grande prestigio de que goza a esplêndida companhia Lucília Simões, pelo que toda a gente diz, o público todas as noites acorre à bilheteira do Trindade, enchendo completamente a elegante sala de espectáculos.

O triunfo obtido por Erico Braga, que se propôs explorar o Trindade por uma forma verdadeiramente inédita entre nós, é absoluto e indiscutível. Teatro do melhor que existe em todo o mundo, representando com brilho e arte invulgaes, por preços ressumosimos, que mais se poderia exigir? E o público, compreendendo o esforço despendido em seu proveito, corresponde a esse esforço, enchendo o teatro e aplaudindo entusiasticamente a companhia que melhor o serve, sob todos os pontos de vista.

«A dança da meia noite»

Hoje não há espectáculo no teatro Nacional, para se proceder ao ensaio geral da peça de Charles Meré, «A dança da meia noite», que amanhã deve subir à scena reaparecendo nela a distinta actriz Ester Leão.

Reclames

«O Mártir do Calvário», a emocionante peça que tem em scena o Apolo, continua proporcionando ao popular teatro, autênticas enchentes e despertando o maior entusiasmo. Rafael Marques na parte de protagonista, Abílio Alves, no Pilatos; Carlos de Abreu, no Judas; e todos os outros artistas dão à peça um grande colorido e a empresa do Apolo, pelo aparato com que a apresenta, com magníficos cenários de Salvador e Mergulhão, guarda roupa de Castelo Branco, orquestra aumentada, corpo coral e avultada comparsaria, merece, por isso, também, todos os louvores. Para as representações de «O Mártir do Calvário», no Apolo, os bilhetes são sempre vendidos sem locação.

—A carreira que, de novo, está realizando no Ginásio, a engraçadíssima comédia «O Az» é hoje forçadamente interrompida para se realizar, no referido teatro, a recita que a colónia inglesa, de há muito, ali tinha marcado. Amanhã, já no Ginásio rejubila «O Az» peça que conta as enchentes pelas representações. Para a recita de amanhã no Ginásio, os bilhetes são vendidos sem locação, estando já à disposição do público.

—O teatro Avenida voga em maré de rosas; todas as noites as enchentes são colossais e os aplausos calorosos em todas as finais de acto do engraçadíssimo vaudeville, «O Pão de Ló».

—Os mais baratos espectáculos de Lisboa são os do Coliseu dos Recreios, onde os bilhetes são a preços populares. Além de serem os mais baratos são também os melhores e os mais variados, pois nêles se apresenta o grande ilusionista Raymond. Raymond traz consigo algumas interessantes bailarinas que tomam parte nos seus trabalhos de ilusionismo, executando também nos entre-actos deslumbrantes bailes.

Hoje, às 15 horas, há «matinée», na qual as crianças têm entrada gratuita.

—Rosas de todo o ano se pode de facto chamar às lindas comédias de Julio Dantas, aquelas que dão pretexto ao numero e servem de motivo às canções que constituem um dos multiplos encantos do publico na revista «Foot-Ball» em scena no Maria Vitória.

E «Rosas de todo o ano» porque se muitos meses têm durado já sem se desfolverem, muito mais prometem durar agora que no seu «jardim» surgiram as «mariposas» vindas da velha Albion para exhibições coreográficas tão modernas e tão lindas que não de deixar celebre em Portugal o nome das «Robertson's Girls», troupe afamada que traz a cabeça à roda (se elas são bailarinas!) da fina flor da rapaziada alfacinha...

## Greve tumultuosa

VARSOVIA, 7.—Os grevistas metalúrgicos provocaram grandes tumultos em Lublin, obrigando a força publica a intervir. Resultaram dois mortos e 70 feridos.—(L.)

## Terrible epidemia

GLASGOW, 7.—Uma séria epidemia de «influenza» está grassando nesta cidade, causando 60 victimas em 1.100 casos.—(L.)

## Ocorrências diversas

No posto da Cruz Vermelha do Calvário, receberam curativo Pedro Joaquim, de 54 anos, carpinteiro, natural de Lisboa, residente na rua do Galvão, 23, loja, que caiu de um andaime, nas obras do edificio da Casa Pia, em Belém, fracturando uma perna, e João Afonso, de 59 anos, natural de Coimbra, descarregador, residente na travessa das Fiadeiras, 16, loja, ao Cruzeiro de Ajuda, que, em Alcantara-mar, foi colhido por uma carroça, ficando muito ferido no pé esquerdo. Depois de pensados o primeiro recolheu à enfermaria de Santo António e o segundo à Sala de Observações, do hospital de São José.

—No Instituto de Medicina-Legal, para onde foi removido da Casa Mortuária do hospital de São José, realizou-se ontem a autopsia do cadáver de António da Costa, residente na Golega que, no dia 4 último, em Torres Novas, foi atingido por um coice de um cavalo, vindo a falecer no dia imediato, no hospital de São José, como noticiámos. O seu funeral effectua-se hoje pelas 15 horas.

## Um chefe morto

JERUSALEM, 7.—O chefe dos rebeldes drusos, emir Hamid, foi morto num combate em Manabí.—(L.)

## Faleceu o chefe da opposição italiana

PARIS, 7.—O jornal Le Matin publica um telegrama de Cannes informando que faleceu ali o ex-ministro Amendola, chefe da opposição italiana, refugiado em França.—(H.)

## O bombardeamento de Pequim

PEQUIM, 7.—Os ministros estrangeiros dirigiram uma nota ao governo chinês, sublinhando os perigos da guerra civil, particularmente dos ataques aéreos, e tornando a China responsável por qualquer atentado contra a vida e os bens dos estrangeiros residentes em Pequim.—(H.)

## Reina a paz...

CALCUTÁ, 7.—Têm continuado as desordens entre indios e mussulmanos, a pesar de estabelecido o estado de sítio. O numero de mortos elevam-se já a 40 e o de feridos a 400.—(L.)

## Afinal eles não são tão maus...

LONDRES, 7.—Pela primeira vez depois da guerra, delegados alemães estão participando do congresso internacional de pedagogia.—(L.)

## Um chefe morto

JERUSALEM, 7.—O chefe dos rebeldes drusos, emir Hamid, foi morto num combate em Manabí.—(L.)

## Faleceu o chefe da opposição italiana

PARIS, 7.—O jornal Le Matin publica um telegrama de Cannes informando que faleceu ali o ex-ministro Amendola, chefe da opposição italiana, refugiado em França.—(H.)

## O bombardeamento de Pequim

PEQUIM, 7.—Os ministros estrangeiros dirigiram uma nota ao governo chinês, sublinhando os perigos da guerra civil, particularmente dos ataques aéreos, e tornando a China responsável por qualquer atentado contra a vida e os bens dos estrangeiros residentes em Pequim.—(H.)

## Terrible epidemia

GLASGOW, 7.—Uma séria epidemia de «influenza» está grassando nesta cidade, causando 60 victimas em 1.100 casos.—(L.)

## Os Caminhos de Ferro do Sul e Sueste superiormente dirigidos por uma brutal e vexatória caterva de policia

BARREIRO, 6.—São tantas as cousas de que diariamente temos conhecimento e que se passam nos caminhos de Ferro do Sul e Sueste que não compreendemos como o pessoal as tolera.

No Barreiro, no serviço do movimento, é indecoroso o que ali se dá, com ordem do chefe daquelle serviço, pois que doutra forma tais casos se não poderiam dar.

Quem manda na estação do Barreiro, quem pune, quem dá participações do pessoal, quem o argue, quem concorda ou discorda dos castigos é a policia destacada nos caminhos de Ferro.

O inspetores, os chefes, todo o demais pessoal são zero perante tanta omnipotência.

O inspetor ou o chefe de estação pune ou propõe o castigo a qualquer empregado de quem a policia deu parte por estar ou não no seu posto e o chefe do serviço do movimento — que deslante — envia o processo à policia para esta se conformar ou não com o castigo aplicado.

Raramente se conforma com a punição pelo que pede o seu agravamento, porque o visado é inimigo dos mantenedores da ordem.

Em que lei, em que ordem se baseia o chefe do serviço do movimento para assim achnalhar o pessoal que tem a infelicidade de ser seu subordinado?

Com que direito está o pessoal subordinado ao primeiro analfabeto, cuja moral e competência se desconhece?

Com que direito intervem a policia no serviço interno dos Caminhos de Ferro, dando conhecimento de faltas, a maior parte das vezes não baseadas e que nada têm com a missão que lhe compete?

Como admitem os inspetores e os chefes de estação que tanto eles como os seus subordinados tenham por inspetores supremos qualquer homem fardado de policia, incompetente para qualquer fim cargo do quadro dos Caminhos de Ferro?

Onde está a coerência desses inspetores e dos chefes que permitem lhes sejam retiradas as suas atribuições e os subordinem a indivíduos estranhos aos Caminhos de Ferro, que, pelo serviço que a eles desempenham, lhes deviam estar subordinados?

E' indecoroso o que se está passando entre os ferroviários. E' indecoroso a situação dos superiores que aceitam uma posição tão vexatória e que não têm coragem de se collocarem no seu lugar, repudiando com altivez a imposição pedante dum chefe de serviço.

Ainda há pouco tempo se deu um caso que bem demonstra o que aqui afirmamos: No concurso para condutores de trens foi reprovado um guarda freio, dos que melhores provas deram, por haver contra elle mais informações da policia!

Como explica o chefe do movimento e o juri esta reprobção, baseada numa simples informação policial, quando é certo que o candidato foi admitido a concurso por ter bom comportamento?

Como pode estar o futuro de qualquer ferroviário sujeito a boas ou más informações da policia, quando essas informações não são baseadas ou não há qualquer procedimento disciplinar ou criminal contra o visado?

E' infame tal procedimento e só denota a impericia, a loucura ou a maldade de quem tal permite, de quem tal sanciona.

Quem sabe se o chefe de serviço do movimento está ao serviço da policia? Não demonstra outra cousa e os ferroviários em lugar dum chefe de serviço têm um comisário bufo.

Os guardas de estação são as principais victimas da policia.

Não se passa um dia que não sejam arguidos e que não sejam punidos.

Compreende-se que assim seja desde que a policia tem neles os seus piores inimigos, evitando que algum pobre bacalhau desculdado lhe vá apparecer sob a gola do capote, ou algum cântaro appareça milagrosamente cheio de azeite.

E' tão infame o procedimento que se está adoptando para com os ferroviários que basta a policia informar, sem testemunhar, que um agente não estava no seu posto, metendo-se assim em attribuições que só dizem respeito aos ferroviários de hierarquia superior, para esse agente imediatamente ser punido, mas punido com severidade. Se o agente reclama, no uso dum direito que lhe confere a respectiva legislação, a reclamação não segue as vias legais, não passando da pasta do chefe de serviço.

Continuem na sua diabólica directriz e oxalá não se arrependam.

O arrependimento vem sempre tarde.

## A Exilada

Esta peça de entrecos singularmente interessante, está obtendo todas as noites no Trindade um verdadeiro successo, devendo registrar-se a brilhantissima interpretação que Lucilia Simões dá à PRINCESA GENIA.

## MALAS POSTAIS

Pelo paquete inglês «Darrow», são hoje expedidas malas postais para o Rio de Janeiro, Santos, Montevideo e Buenos Aires, sendo da caixa geral a última tiragem da correspondência ordinária às 11 horas, e para as registadas recebem-se até às 9 horas.

## PORTEIRA

Mulher, que se encontra em situação precária, offerece-se. Avenida Presidente Wilson, 79, 2.º

## TIVOLI

Matinée às 3 h. — Soirée às 8 3/4

**A Corrida do Facho**

Indicação cinematográfica em 5 partes da celebre peça de Paulo Henriques de reportório da Comedia Francesa

«LA COURSE DU FLAMBEAU»

Principal intérprete: Germaine Dermo

**OS PEQUENOS VAGABUNDOS**

Cine comédia em 5 partes—Encenação de Lully. Realização com a pequenina actriz BUBOULE

**UMA CINÉ REVISTA**

**UMA CINÉ FARÇA**

Na matinee as crianças acompanhadas de suas familias têm entrada gratuita

## TEATRO MARIA VITÓRIA

HOJE

Duas sessões — A's 8 1/2 E 10 1/2

A MELHOR DE TODAS AS REVISTAS

**FOOT-BALL**

com todas as suas novidades e sensacionais atractivos

A notável troupe de Girls

**SIX ROBERTON'S GIRLS**

directamente contratadas em Inglaterra para este teatro

## Ultimas notícias

O Congresso das Escolas Móveis









## DOCTRINAS POLÍTICO-SOCIAIS

## "O SINDICALISMO"

(Conferência pelo nosso camarada Manuel Gonçalves Vidal, em 6 do corrente, na Universidade Popular Portuguesa)

## O Revisionismo Social-democrata

E' necessário não esquecer, além do fatalismo das próprias condições económicas da classe operária, as causas de ordem moral e social derivadas da crise do socialismo e da revisão reformista deste.

Não se tendo realizada a profecia de Marx, da concepção materialista da história, que considera a revolução inevitável, pelo aumento crescente do espírito da luta de classe que a concentração industrial e capitalista defendiam o processo democrático como o único capaz de conduzir ao socialismo pela evolução que a máxima comparticipação das riquezas deveria produzir.

Apoiavam-se habilmente no materialismo histórico, ou antes, na falência da previsão marxista, de onde concluíam que faltava a luta de classe, a fim de dar um fôlego mais lógico e fatalista a toda a extensão do revisionismo. Esqueciam a voluntariedade derivada dos factores de ordem moral e social, estética e jurídica que influíam na acção operária desviando-se para a simples mecânica do sistema de produção capitalista, como se o sindicalismo sendo, embora, uma consequência reflexa do industrialismo não fosse também o produto da mentalidade operária, da sua vontade, da sua consciência e a génese dum conceito político-jurídico da sociedade futura.

Apenas porque o fenómeno capitalista derivava e porque supunham que influíam assim nos interesses operários esqueciam que a novas condições correspondiam novas necessidades e que a aspiração de liberdade, condição íngenua do homem, mais se desenvolvia quanto mais melhorassem as suas condições e por isso mesmo tivesse maior consciência e mais perfeita noção dessa liberdade.

De resto, se o objecto de toda a sua revisão consistia apenas no modo do capitalismo, não havia propriamente no campo da produção, quer sob o ponto de vista de qualidade, quer de quantidade, esse objecto, porquanto se verificava o progresso constante da indústria e até certo ponto da sua concentração.

Deste modo o sujeito que era o operário e não o capital, continuava a actuar da mesma forma.

Era necessário contar com os sentimentos que despontavam no espírito operário como a solidariedade, a sociabilidade e a cooperação, que se desenvolviam e alargavam nos próprios centros de trabalho.

Criavam-se as grandes empresas, os trusts, as sociedades anónimas; sem dúvida que o ódio emergente do antagonismo de classe desaparecia um pouco, ou antes, era menos directo. A iniquidade e a exploração para onde devia convergir a atenção revolucionária dos trabalhadores encobria-se no anonimato; mas por isso mesmo a revolta daqueles surgia com mais poder de indução e consciência e menos doses de crueldade.

Todavia a disseminação das riquezas não indicava que se desistisse do processo enunciado e que o problema se resolvesse pelo método de colaboração política. Tomava-se apenas como ponto de partida o lado mais falso e grosseiro do egoísmo dando-se assim expansão à escola individualista sem se atender que a sociabilidade se afirmava em toda a sua punjança a par e passo que a personalidade acordava no fundo humano, tendo o reflexo da sua vontade e atitude um efeito imediato no corpo social, pela correlação de todas as suas funções e interdependência de fenómenos.

Do revisionismo social-democrata, opunham os socialistas revolucionários a necessidade da expressão prática da luta de classe e então encontravam o ponto de convergência, o centro de gravidade do movimento socialista nos sindicatos.

Desenvolver os organismos profissionais e dar-lhe uma ampla independência e facilidade de movimento eis a chave da questão, eis a solução prática e segura.

O sistema político não podia de forma alguma resolver a questão económica. O poder económico antecede o poder político e o Estado é apenas o sustentáculo do privilégio económico da burguesia e a pálide de legalidade com que esta lustra a ignomínia da exploração que exerce.

Sendo as leis económicas as mais gerais e as mais simples, sendo as primordiais, por isso mesmo as que influem em toda a vida social. O essencial para o bom funcionamento dos órgãos que determinam a evolução da actividade humana, em todos os campos da arte e da ciência, é a satisfação das necessidades fisiológicas.

Não vou aqui tratar uma tese de biologia e fisiopsicologia, todavia direi que a má alimentação origina o depauperamento físico, a atrofia dos órgãos, o relaxamento da vontade, a sujeição, a desmoralização, em suma, o enfraquecimento de espírito de personalidade e por consequência o amorfismo da colectividade, o próprio regresso.

O revisionismo reformista, porém, tomava o efeito por causa supondo que a lei e o poder coercitivo do Estado mudariam a natureza das coisas; como se a eficiência da lei não fosse o resultado das necessidades e dos costumes, que a transformação social opera e para a qual contribui um enorme e complexo número de factores.

A conveniência estava do lado da burguesia simplesmente. Aumentava o seu proletariado tornando-se mais extenso e mais iludido o número dos interessados e por consequente o número daqueles que a robusteciam sem que, contudo, evitassem tornar-se mais intensa e mais segura a luta que a reflexão incorporava no espírito latente de emancipação proletária.

Um grande número de factores se conjugam para amortecer essa luta (não no campo reaccionário porque esse é ainda o mal menor do proletariado, é um inimigo declarado e isso basta) mas da parte daqueles que agitam a questão social, com um novo aspecto, baseado no erro dum previsão que a fatalidade histórica não cimentaria, por não ser o resultado das circunstâncias e da permanente necessidade social, afirmando o socialismo com a negação do mesmo socialismo.

Singular raciocínio!

Achar o eixo do socialismo na questão

política quando esta era afinal o capacete da super-estrutura social.

Ora o sindicalismo, consiste nisto sobretudo: negar a eficácia da acção política para resolver a questão social integrando o socialismo no campo da ciência económica.

## O objectivo da social democracia

A intenção de subordinação da acção sindical ao partido político é manifesta por parte dos influentes do movimento operário de alguns países e verifica-se abertamente nas tentativas feitas em redor da C. G. T. francesa para o que basta citar os trabalhos da Conferência Internacional de Amsterdã, em 1905, que regeitou da ordem dos trabalhos a questão da greve geral e anti-militarismo, que haviam sido propostas por aquela central nacional.

Mas ao mesmo tempo que excluíam estas questões por as considerarem de tática e doutrina votavam—como a mais formal das contradições—na conferência de Cristiania, dois anos depois, o acordo de que a questão de tática e orientação que dizia respeito às relações a estabelecer entre o partido socialista e o movimento sindical fosse abordada e resolvida, sem sequer constar da ordem dos trabalhos!

As propostas apresentadas pela França, no critério dos delegados à Conferência, não se quadravam com os meios e fins da organização sindical da qual entendiam apenas legítimo e da sua competência os assuntos de carácter administrativo, auxílio mútuo, relações corporativas e estatísticas.

Em Cristiania os delegados da Inglaterra, Holanda, Bélgica, Dinamarca, Suécia, Noruega, Finlândia, Alemanha, Áustria, Hungria, e Itália reeditam a resolução de 1905, gravada documentalmente no seguinte texto:

«A Conferência Internacional dos Representantes dos Sindicatos da Inglaterra, Holanda, etc., (países acima mencionados) delegados a Cristiania, nos dias 15 e 16 de Setembro de 1907, ocupou-se novamente da proposta da Confederação Geral do Trabalho (França) tendente a inscrever na ordem do dia a questão do anti-militarismo e da greve geral».

A Conferência reproduziu a resolução que tomara em Amsterdã, segundo a qual as conferências internacionais têm por missão: Discutir as relações cada vez mais estreitas entre as associações profissionais de todos os países, a redacção de estatísticas sindicais uniformes, o apoio mútuo nas lutas económicas assim como todas as questões que se acham relacionadas directamente com a organização sindical da classe operária; mas excluindo do debate todas as questões teóricas, assim como as que dizem respeito às tendências e à tática do movimento sindical nos diversos países.

A Conferência considerou as questões do anti-militarismo e greve geral como assuntos que não são da competência dos funcionários sindicais, mas cuja solução incumba exclusivamente à representação integral do operariado internacional nos Congressos socialistas internacionais, convocados periodicamente, tanto mais que as duas questões foram resolvidas em Amsterdã, e em Stuttgart, de harmonia com as circunstâncias.

A Conferência lamentou que a Confederação não tenha querido compreender que a atitude da conferência internacional dos representantes nacionais foi perfeitamente correcta; e que tenha prestatado esta atitude para se conservar alheia à nossa organização internacional. A Conferência pediu instantemente à classe operária de França que examine estas questões de acordo com a organização política e operária do seu país e por uma adesão aos congressos socialistas internacionais, que colabore na solução destas questões e em seguida se filie na Organização Sindical Internacional a fim de se resolverem os problemas sindicais.

Ora este pequeno texto que me é fornecido por Vitor Grifuelhes prova bem o desejo de subordinação dos sindicatos ao partido socialista, por parte dos reformistas, e a evidência com que o Sindicalismo se manifesta em França percebida na grandeza dos pontos que a C. G. T. pretendia apresentar à Conferência Internacional.

A C. G. T. francesa registava nitidamente o período inicial do sindicalismo propriamente dito e que para melhor distinção se chama *Sindicalismo Revolucionário*. Na verdade o adjectivo nada influe, o Sindicalismo é por essência, revolucionário.

Trata-se do mesmo movimento operário, sem dúvida, porém, a autonomia e o direito de apreciação livre de todas as questões de doutrina e de tática, reivindicadas pela C. G. T., estabelecem como que um traço de união entre a característica da organização actual e o movimento operário do último século.

Convém citar que os fundadores da C. G. T. francesa e os seus orientadores, eram socialistas libertários, na sua maioria, como Pellautier, Pouget, Ivetot, etc., e por isso mesmo não concebiam que a organização operária estivesse manietada e sujeita às influências da acção política o que desmentia toda a sua razão de ser, o que inutilizava toda a sua essência fundamental: A questão económica.

De facto essa concepção, dado o estado de crise do socialismo, só poderia ser mantida intacta pelos libertários.

Querer, seja anarquista? Evidentemente que não. Harmonizava-se porém com a sua doutrina, consubstanciada no princípio de que a liberdade só poderia ser conquistada pelo próprio e daí a autonomia que se reivindicava.

Fôsem quais fossem as manifestações da classe operária, o essencial, apenas, é que elas fossem o produto da vontade e da decisão livre dos seus componentes, o que dando uma maior noção e consciência de personalidade criava também o princípio da solidariedade a que as condições de luta e continuidade de acção forçava.

Era pois uma questão de neutralidade em matéria política.

## Os direitos do alto mar

BRUXELAS, 7.—O ministro dos negócios estrangeiros, sr. Vandervelde, presidiu à inauguração dos trabalhos da conferência internacional sobre os direitos do alto mar. (L.)

## CRISE DE TRABALHO

## Operários sem trabalho e licenciados das obras do Estado

Reuniram-se ontem, pelas 10 horas, os operários licenciados das obras do Estado e associados sem trabalho, a fim de tomarem conhecimento das demarches efectuadas pelas comissões.

Um membro da comissão informou que, na parte respeitante ao reforço da verba de 5.000 contos para as obras do ministério do Comércio, o respectivo ministro pediu ao administrador dos Edifícios Públicos para que este, o mais depressa possível, entregasse a respectiva proposta para a levar à sanção do Parlamento.

Também as comissões foram informadas de que o administrador dos edifícios públicos, em virtude de estar emite uma suspensão de trabalhos de várias obras por se irem esgotando as verbas, resolveu, de acordo com o director dos mesmos edifícios, que fossem já distribuídas pequenas verbas por algumas obras que delas necessitam, isto até à aprovação da proposta pelo Parlamento.

Ainda, pelo sr. Abel Dias, funcionário da contabilidade do ministério da Instrução, as comissões souberam que o decreto para legalizar as obras dos monumentos nacionais foi à assinatura presidencial, faltando agora unicamente a sanção dos restantes membros do governo, para que após a publicação no *Diário do Governo*, seja entregue a verba de 150 contos para reabertura das obras.

As comissões também foram informadas que o referido ministro, em virtude da exiguidade da verba para accorrer a todas as obras dos monumentos nacionais, virá ao Parlamento solicitar autorização para levantar dinheiro que lhe permita reabrir mais obras.

Dadas estas explicações, os operários reunidos resolveram esperar pela realização destes trabalhos, suspendendo a execução de deliberações que haviam tomado.

Hoje voltam a reunir-se pelas 10 horas.

## Obras das Casas Económicas da Ajuda

Tendo chegado ao conhecimento do S. U. da Construção Civil que amanhã seriam encerrados os trabalhos do bairro da Ajuda e verificando-se que ainda existe verba para que esses trabalhos se mantivessem abertos por mais algum tempo, o que a não verificar-se atiraria para a crise mais de uma centena de operários, a referida comissão administrativa enviou um seu delegado juntamente com um representante da Bolsa de Trabalho ante o ministro do Comércio.

Recebeu-o o chefe de gabinete daquele titular a quem expuseram a situação contingente de aumentar o número de desempregados, quando ainda existe verba avultada para o prosseguimento das obras. O chefe de gabinete prometeu enviar todos os esforços junto de seu ministro no sentido de solucionar o assunto a bem dos operários.

## Manufactores de Calçado

Em virtude de ter chegado ao conhecimento do Sindicato dos Manufactores de Calçado que alguns industriais pretendem pagar salários por preços inferiores à tabela, este resolveu convocar a classe a reunir no próximo sábado para tratar deste melindroso assunto.

## AS GREVES

## NO ESTRANGEIRO

## Construção civil francesa

ALAIS, 7.—A greve dos operários da construção civil prossegue com toda a calma. O município empregou em diversas obras cerca de sessenta operários que estavam desempregados.

## IMPrensa

## «Diário de Lisboa»

Entrou ontem no 6.º ano da sua publicação o *Diário de Lisboa*, que comemorando a festiva data se publicou com dezasseis páginas de escolhida colaboração. Felicita-mo-lo.

## Secretariado Nacional de Assistência Jurídica e Solidariedade

## CONSULTAS JURÍDICAS

Hoje, pelas 21 horas, o dr. Sobral de Campos dará a consulta habitual a todos os operários confederados que apareçam munidos das suas cadernetas confederais em dia.

## A pedir acoites...

WASHINGTON, 7.—Os estudantes da Universidade de Yale realizaram um plebiscito sobre a maior personalidade mundial da actualidade. O sr. Mussolini obteve 146 votos, o presidente Coolidge 23 e o sr. Chamberlain 5 votos. (L.)

## Rádio-telegrafia

## Uma conferência internacional

MONACO, 7.—Reúniu-se nesta cidade, sob a presidência do sr. Perkins, a Conferência Internacional Rádio-telegráfica, estando representadas numerosas nações. O principal objectivo da Conferência é preparar a próxima ligação rádio-telegráfica entre o Brasil e os outros países, tendo sido fixada para 21 do corrente a inauguração dos serviços directos entre aquela grande república sul-americana e os Estados Unidos, a França, a Alemanha, a Inglaterra e a Itália. O príncipe de Monaco demonstrou um grande interesse pelos trabalhos. (L.)

## Os progressos no Japão

BERLIM, 7.—Pela Alemanha estão sendo construídas, no Japão, estações rádio-telegráficas avaliadas em três milhões de yens, as quais devem ficar concluídas no corrente ano. Os trabalhos são realizados em conta de reparações «em espécies». (L.)

## MARINHA GRANDE

## Impingindo gato por lebre

Segundo a opinião de vários peritos, os motores geradores da Central Eléctrica já foram usados. Será verdade?

A nossa missão no presente caso é delicadíssima porque, leigos em mecânica, não podemos afirmar com segurança que os motores a óleo, que a Câmara da Marinha Grande adquiriu, sejam usados e consequentemente não estejam em perfeito estado de novos como dizem certas individualidades que no caso têm papel proeminente.

Sem *parti-pris* portanto trataremos este assunto com isenção, mas com a possível clareza.

Não cabe no estreito espaço de uma coluna de prosa um relato circunstanciado e completo, de tudo o que tem havido em torno do caso da luz eléctrica, para esta terra; contudo, diremos em síntese que o importante e útil melhoramento tem apenas o principal predicado de ser útil aos afluídos dos «edifícios» do burgo.

E porque assim é tem-se feito um verdadeiro estendal de pantomimas, com promessas de vários, com perseguições sem conta. Uma coorte de apunhaçados tem campeado infrene, tratando de viver o melhor que pode, em detrimento da colectividade.

Mas vamos vamos lá ao caso dos motores—Há um mês que começou correndo o boato de que os motores eram usados, o que fez com que a população ordeira saísse do pacatismo para a discussão acalorada e a crítica mordaz e contundente.

Toda a gente de bem, toda a gente enfim que não vive de negociações, se espantou, porque merecia um inquérito o grave assunto e deixá-lo passar em julgado era pacatizar com um provável e possível escândalo.

O rumorejar do descontentamento chegou à ribalta camarária. Os homens assustaram-se sem razão, mas mesmo assim trataram de mandar vir um engenheiro que falou dum forma um tanto ambígua, o que mais adensou o caso.

Pelo facto de algumas *porcas* estarem marteladas, disse o engenheiro que era uso na Alemanha entregar-se a desmontagem das máquinas, depois de experimentadas, a pessoas sem competência. Daí o facto de se notar o enxovalho de certas peças.

Semelhante desculpa, parece-nos imprópria dum técnico que foi estudar ao país da mecânica.

Não se concebe que uma casa construtora, depois das despesas da fabricação, vá pôr os seus produtos à mercê das mãos inábeis de aprendizes...

Por isso os técnicos que afirmam o contrário desajavam ver os cilindros e válvulas, porque algumas há afirmam eles—que atestam muito uso.

Um dos motores tem o cilindro central ovalizado e todo o seu aspecto é de uma máquina usada.

Mas vamos a outro caso não menos interessante: O alemão montador priva com alguém que sofredamente fala o seu idioma e a quem disse em conversa que os motores não eram novos. Essa opinião correu, houve estranheza e depois o alemão veio a dizer que tinha havido engano e por consequência urgia fazer-se um desmentido à *atoada*...

Não obstante, ficámos suspeitosos, porquanto, queríamos parecer que era muito provável haver negociata escura, coisa afinal em que certas individualidades primam.

Tratava-se de impingir motores usados, a título de novos em folha?

E' muito possível que mesmo assim os motores sejam excelentes, e que não haja nada que dizer...

Mas o que também é muito certo é que a diferença de preço há de ser espantosa!... A confirmação do caso escandaloso, não vinha ao nosso encontro, porque avultava, verdadeiramente para temer, o facto de o engenheiro, como técnico que é, ter afirmado o perfeito estado de novos, dos motores geradores.

Porém os mecânicos, que não afinavam pelo mesmo diapásio, não desarmaram e, sempre sem uma contradição, sem a mais pequena hesitação, continuaram afirmando a verdade, pois hoje pode afirmar-se que é a verdade, que aurifuge e obscurece o miserando propósito de pôr poeira nos olhos dum população cheia de boa fé.

Pôsto que fosse nosso propósito lançar mão do estilete para tratarmos do caso, não quisemos ser apressados, e agítá-lo aereamente e portanto sem certeza ou confirmação.

Agora porém há outro mecânico que pacientemente fez a sua análise e afirma activa e desassombadamente aquilo que sempre suscitámos: «Os motores são usados».

São usados, há que prestar contas publicamente do pacto vergonhoso e infame que beneficia certamente alguém encarregado da instalação.

Sem perda dum momento exigimos luz no caso, porque um ludibrio desta marca transpõe a meta do descaro.

Um melhoramento que tanto beneficia a Marinha Grande não pode ser toldado com um escândalo tão vergonhoso.

De mais temos esperado e contido a nossa indignação em face das perseguições que vêm sendo feitas a professores primários, a todos os títulos dignos do nosso respeito e consideração.

Agora não. Estamos saturados de tanta farça, de tanta bandalheira.

Não acusamos ninguém. Não queremos por hora, ser acriminosos. Aguardaremos momento propício para então escaldarmos os seus demôis piedade. Viver à sombra da boa fé dos outros, medrar com negócios destes, não se admite nem se tolera.

A reacção tem que fazer-se, pois que o que se passa nesta terra, revolta e confrange.

Dos vereadores uns cremos que são alheios a tudo o que se passa, outros são capa de escândalos e de perseguições, como sucede por exemplo à professora D. Celeste Roldão e ao professor Silva.

Há, por outro lado, empregados na Câmara Municipal que vão muito além das suas atribuições, discutindo tudo, tratando tudo e tudo ofuscando com atrevimento e audácia.

Uma câmara que assim se conduz, implicitamente está fomentando o descontentamento geral, que pode muito bem conduzir a população a algum gesto que temos o direito e o dever de evitar.

E agora perguntamos: Com que autoridade afirmou o engenheiro o perfeito esta-

do de novos dos motores, quando os não analisou anteriormente precisamente onde eles guardam suas maselas?

E se queria fazer luz no caso, para que foi o engenheiro analisá-los antecipadamente e a luz baixa dum candieiro, livre de testemunhas ou olhares indiscretos?

Certamente para se preparar para o combate com os mecânicos, que embora não possuam diplomas de habilitação, têm contudo as suas longas folhas de serviços como atestado seguro das suas competências.

Opinavam porém os vereadores que ninguém poderia afirmar que os motores fossem usados.

Agora que apareceu esse alguém estamos crentes que não hesitarão, a não ser que estejam julgados a qualquer cambão.

Ora não satisfazendo os motores as exigências da rede eléctrica originam como é óbvio a aquisição de outros, o que muito complicará a saúde financeira do concelho.

Tudo geme com as contribuições e afinal constata-se que o produto dos impostos é para dar a amigos e compadres, é para negócios escuros e desvios vergonhosos.

Mas, finalmente, porque teimam tanto os vereadores em afirmar o estado de novos dos motores quando a não ser assim isso representa um prejuízo para o município, que eles afirmam defender?

A resposta facilmente a encontrará o leitor.

Jesus dos SANTOS

## O conflito marítimo

## Uma nota oficiosa do Sindicato do Pessoal de Câmaras

A comissão de demarches do Sindicato do Pessoal de Câmaras da Navegação de Longo Curso enviou-nos, com o pedido de publicação, a seguinte nota oficiosa:

«Em reuniões das classes dos Fogueiros de Mar e Terra, Marinheiros e Moços e Pessoal de Câmaras, foram nomeadas comissões para, em conjunto, tratarem a solução do conflito marítimo. Nesta ordem de ideias na terça-feira, as referidas comissões procuraram o sr. ministro da Marinha a quem expuseram a razão da existência das listas nos Sindicatos, razão que é ditada pelo espírito humanitário das classes, marítimas de colocar a bordo todos aqueles que primeiro desembarcaram.

Nunca os Sindicatos impuseram a aceitação a bordo, de qualquer componente das respectivas classes, quando o capitão apresentasse motivos justificáveis, pelos quais demonstrasse a pouca moral do tripulante.

E assim, o sr. ministro da Marinha, vendo de que lado estava a razão, — o que raras vezes sucede—não teve dúvidas em afirmar que dessa forma o conflito se deveria solucionar, pois que não há razão para os oficiais continuarem mantendo a sua atitude.

Aconselhou-nos o sr. Correia da Silva a entrevistarmos a Liga dos Oficiais, certo de que os oficiais desistiriam do seu propósito. Porém, este Sindicato constatou justamente o contrário: a Liga dos Oficiais declarou-nos que continuava pugnando pelo completo desaparecimento das listas dentro dos Sindicatos. Isto é feito no intuito de desmantelar a Organização Marítima, a fim dos srs. oficiais tripularem sobre aqueles que exercem a sua actividade a bordo dos navios, fazendo-os voltar aos tempos primitivos, em que eles desempenhavam um papel preponderante de verdadeiros carascos.

Porém, as classes marítimas não estão nessa disposição. E, a pesar dos senhores oficiais terem o apoio dos armadores porque também são parte interessada, elas continuaram mantendo o princípio justo de que as listas não acabarão.

Para provarmos a afirmação de que os oficiais estão mancomunados com os armadores, basta frisar o facto de terem sido despedidos todos os tripulantes dos navios que chegaram depois do início do conflito, ficando apenas a bordo os oficiais.

Desta forma o conflito manter-se-há, com prejuízo do país, pois muito em breve o resto da navegação paralisará por completo.

O que fará o sr. ministro da Marinha, reconhecendo que a atitude dos oficiais é ilógica?

## As resoluções da assembleia da Liga dos Oficiais da Marinha Mercante

Da Liga dos Oficiais da Marinha Mercante pedem-nos a publicação do seguinte comunicado:

«Reúniu a assembleia geral da Liga dos Oficiais da Marinha Mercante a apreciar a situação em que se encontra o conflito marítimo, sendo aprovada a seguinte moção da autoria do sr. Henrique de Freitas:

Considerando: que a forma para a resolução do actual conflito, emanado da imposição de pessoal menor para bordo dos navios pelo sistema de escala por indicação dos sindicatos, só poderá ser eficaz e efectiva-se com êxito desde que não possa dar margem a futuras imposições que possa provocar novos subterfúgios sofismando uma liberdade de escolha de facto não existente; que se não resolve o problema, pelo facto de os sindicatos declararem abolida a escala, por quanto recorrem a todos os subterfúgios para que a mesma continue por forma sofismada, impossibilitando portanto o cumprimento da doutrina do artigo 498.º do Código Comercial Português; que uma vez abolida teremos de continuar a recorrer aos sindicatos para angariar pessoal, visto naturalmente nenhum se apresentar a pedir lugar, e que significa a escala continuar em vigor,

A Liga dos Oficiais da Marinha Mercante, reunida em assembleia geral, resolve:

1.º Estabelecer nas Capitâneas um sistema de inscrição dos desembarcados para todos os inscritos marítimos de longo curso.

2.º Os capitães que necessitarem de pessoal consultarão aquela inscrição, da qual poderão escolher todos os tripulantes de que careçam.

3.º Quando qualquer dos tripulantes escolhidos não queira matricular, sem mo-

## Vida Sindical

## Câmara Sindical do Trabalho DE LISBOA

## Comissão Instaladora

A Comissão Instaladora previne os delegados ao Conselho que a reunião que hoje se devia realizar ficou transferida para amanhã, pelas 20,30 horas, com a seguinte ordem de trabalhos:

1.º Ofício da União Textil; 2.º Apreciação de duas circulares da C. G. T.; 3.º Criação das Secções e Juntas Sindicais; 4.º Apreciação dos balancetes das últimas gerências e nomeação da comissão revisora de contas.

## CONVOCAÇÕES

## REUNEM-SE HOJE:

**Federação do Livro, do Jornal e Similares.**—O secretariado, às 21 horas, para assunto de máxima importância.

**S. U. da Construção Civil.—Conselho Técnico.**—Para tratar de assunto que requer urgência, pelas 20 horas, o Conselho de Delegados.

**Calçeteiros de Lisboa.**—Às 20 horas, a assembleia geral, com a seguinte ordem de trabalhos: eleição dos corpos gerentes, exposição dos trabalhos da comissão de melhoramentos, tratar dos oito dias de licença e outros assuntos.

**S. U. Metalúrgico.**—Pelas 20 e meia horas, a comissão administrativa.

**Pessoal do município.**—A comissão nomeada na última assembleia para tratar do caso Luis Martins, às 20 horas, a fim de receber instruções.

Convida-se a comparecer a comissão que primeiramente tratou do assunto.

**Encadernadores e anexos.**—Reúniu-se a comissão administrativa apreciando, entre vários expedientes, uma circular da C. G. T., à qual resolveu responder.

**S. U. Mobiliário.**—Às 20 horas, a comissão administrativa, para assunto urgente.

Às 21 horas, os corpos gerentes, para assunto importante.

## DIAS PROXIMOS

**Manufactores de calçado.**—Reúne no próximo sábado, pelas 21 horas, a assembleia geral para tratar da baixa de salários e apreciar o relatório da comissão de resistência.

## JUVENTUDES SINDICALISTAS

**Federação.—Conselho Federal.**—Reúne hoje, pelas 20 e meia horas, na sede federal.

**Núcleo de Lisboa.**